

O Teosofista

Ano XI - Número 128 - Edição de Janeiro de 2018

Uma Publicação Mensal da Loja Independente de Teosofistas e seus Websites Associados:
www.HelenaBlavatsky.net, www.FilosofiaEsoterica.com e www.CarlosCardosoAveline.com

Facebook: [SerAtento](https://www.facebook.com/SerAtento) e [FilosofiaEsoterica.com](https://www.facebook.com/FilosofiaEsoterica.com). Email: indelodge@gmail.com



A Lei é imparcial e devolve a substância produzida ao seu gerador.

000

Construindo a Visão de Futuro **Como se Formam as Próximas Etapas da Existência**



O tecido cármico da vida é feito de causas e conseqüências. Nesta teia que atravessa o tempo, cada causa é também um efeito, e cada efeito é por sua vez uma causa.

O futuro é determinado pela confluência entre os fatores que atuaram no passado e os fatores que atuam no presente.

O encontro entre as diferentes causas determina a cada instante de que forma o futuro acontecerá. O desdobramento da escolha, entre milhares de possibilidades, é de uma riqueza e complexidade enormes, devido a três grandes motivos gerais.

- 1) Em primeiro lugar, porque as causas são inúmeras. Elas têm peso, força e durabilidade muito diversos. Algumas delas são compatíveis entre si, outras apontam em direções diferentes e são incompatíveis. Há também “fatores causadores” que nem são harmoniosos nem conflitivos entre si, mas neutros.
- 2) Em segundo lugar, porque as causas atuam nos vários níveis de consciência e os seus efeitos se entrecruzam, interagindo num processo de transmutação e aprendizagem constantes.
- 3) Em terceiro lugar, porque as causas atuam em inúmeros cenários individuais e coletivos, que funcionam em várias dimensões e estão todos interligados. Por exemplo, o mundo emocional de cada ser humano é um cenário coletivo, constituindo uma “comunidade de sentimentos vivos”; mas, por outro lado, funciona também como um cenário individual que pertence a determinado cidadão. O corpo físico de alguém é um cenário coletivo, uma comunidade de órgãos e funções que cooperam, e também um processo individual. A mente do cidadão é algo único e algo plural ao mesmo tempo. O mesmo se aplica a um município, a um país ou à humanidade. Em qualquer cenário da vida, há um aspecto individual, que une o todo, e um aspecto coletivo, em que há diversidade. Isso ocorre nos níveis subconscientes da vida assim como nos níveis supraconscientes, ou espirituais.

Traçadas estas linhas básicas sobre o processo criativo do Carma, cabe reconhecer que cada indivíduo humano, tem uma “sensação de futuro”. Esta sensação é um aglomerado de pensamentos, sentimentos, lembranças, aspirações e projetos. Ela se alimenta de fatos, sonhos e intenções. A “sensação de futuro”, seja ela de um indivíduo, de um casal, uma família ou comunidade, é determinada pela confluência de milhares de fatores. Neste encontro geral de tendências diversas, a boa vontade é um dos fatores de maior peso e importância. A boa vontade - subconsciente, consciente e espiritual - organiza, interpreta e classifica os fatos criativamente. Ela dá um sentido a eles, e constrói um conjunto de cenários vivos de futuro que atuam de modo interligado. O aglomerado médio destas potencialidades positivas percebidas pelo indivíduo - em relação a si mesmo, à família, grupo social ou civilização humana - é o que chamamos normalmente de “visão de futuro”.

O ser humano não é o absoluto senhor do seu futuro, porque muitos fatores determinantes escapam do seu controle. Esta limitação é uma lição de humildade e deve fazer com que ele seja grato pelo que já recebeu da vida e pelo que pôde realizar até o momento.

Reconhecendo o caráter valioso da sua existência provisória no mundo, cada cidadão pode administrar mais corretamente aqui e agora aquilo que depende dele. Deve começar pelo mais imediato, isto é, suas próprias ações, seus pensamentos e suas emoções. Em todos os cenários da vida - individuais ou coletivos, físicos ou não - cabe ao ser humano ter uma visão positiva das coisas.

O passado fornece lições. O presente abre oportunidades. O futuro oferecerá a colheita do que estamos plantando. A visão produtiva do mundo é alimentada buscando atuar de modo inteligente. Quando o cidadão deixa de lado a cegueira do egocentrismo, surge a bênção que é a capacidade de ser grato. Então é produzido um tipo de relação com o futuro que é coerente com a substância da alma imortal.

Tanto o indivíduo sensato como a comunidade que despertou para a cooperação profunda possuem uma visão correta das potencialidades a serem desenvolvidas. Dadas estas condições, a “sensação de futuro” passa a ser um fator decisivo de bom carma. O “destino” fica mais iluminado, a boa vontade substitui a cegueira ética, o ambiente natural começa a ser tratado como um irmão e todos os seres tendem a viver em paz.

Um Trabalho Humano e Divino

Como Funciona a Loja Independente



**“A vitória humana
resulta da experiência repetida
da tentativa e do erro.
A vitória da sabedoria é gradual.
Ela só acontece aos que sabem esperar.”**

(Do poema “Pensamentos Paralelos Sobre o Caminhar”,
de Carlos Cardoso Aveline, publicado nos websites associados.)

O planeta Terra vive atualmente mudanças em seu clima. Sempre houve ciclos de mudança climática independentes da ação humana. Mas hoje percebemos que os indivíduos, através de suas ações, estão interferindo nos ciclos da natureza.

Esses fenômenos têm mudado sua dinâmica e ocorrido com maior frequência. Os extremos no clima a que assistimos hoje são de certa forma reflexos dos excessos e das limitações humanas. Estes, por sua vez, são fruto do Carma. Cada cidadão é corresponsável pelo ambiente passado, presente e futuro. Os indivíduos influenciam a atmosfera da Terra. Tudo está interligado no universo. Ao mesmo tempo que moldamos o meio no qual vivemos, somos influenciados por ele.

A teosofia não se foca nos efeitos. Sem ignorar as consequências, a ciência da alma concentra-se na compreensão das causas. Para que surjam efeitos novos e saudáveis, o enfoque teosófico busca o estabelecimento das causas corretas.

Quando, por exemplo, uma casa tem infiltrações nas paredes, é preciso chegar até à fonte do problema. Não adianta pintar as paredes, fingindo que nada está ocorrendo. Ignorar as causas do problema o torna maior, e a infiltração que começou numa parede, se desprezada, pode prejudicar toda a construção.

Numa sociedade que vive de aparências, os problemas são falsamente resolvidos passando uma tinta colorida sobre eles.

A Loja Independente de Teosofistas dá pouco valor ao aspecto exterior das coisas. Sua atenção está acima de tudo focada na substância. Trabalhamos para que a LIT cresça naquilo que pode fazer diferença no mundo. Não importa o número de associados, nem o volume de tarefas. O trabalho realizado por um punhado de indivíduos com a intenção correta tem a qualidade necessária para provocar um impacto positivo no mundo. “Uma tarefa humilde, se for bem feita, abre a porta cármica para oportunidades melhores.” [1]

O trabalho que ajudamos a desenvolver é humano e é sagrado. Merece respeito, e é respeitado. Nele não deve haver lugar para disputas pessoais ou sabotagem. Os problemas que surgem dentro do grupo são olhados de frente, investigados e resolvidos. Todos ensinam e todos aprendem. O desapego é essencial. Fechar os olhos ao erro é perigoso para a missão que decidimos cumprir. Discutir o erro tem como propósito evitá-lo no futuro através da compreensão e da disciplina adequada. Quando **A** ou **B** erram, todos erram. Quando **A** ou **B** acertam, todos ganham com o acerto. O trabalho e a humanidade são os principais vencedores. Há vários textos em nossos websites sobre o assunto. [2] “Um Por Todos e Todos Por Um” é um lema que se vive no dia-a-dia quando a missão é colocada acima das personalidades. Estamos fazendo isso, de modo imperfeito, mas com progresso real.

A visibilidade de nossos erros não deve ser motivo de vergonha ou tristeza.

Um ensinamento de Buddha afirma:

“...Eu não ensino a lei para meus alunos dizendo a eles: ‘vão, vocês, santos, e diante dos olhos dos brâmanes e chefes de família realizem, através dos seus poderes sobrenaturais, milagres maiores do que qualquer homem é capaz de realizar’. Eu digo a eles, quando lhes ensino a lei: ‘Vivam, vocês, santos, *ocultando suas boas obras e mostrando os seus defeitos*’.” [3]

Precisamos estar sempre atentos aos nossos pensamentos e sentimentos, corrigindo imperfeições, para que os atos acrescentem algo benéfico à humanidade. Reconhecer o erro é o primeiro passo para estabelecer o acerto. Se alguém aponta um erro que não conseguimos enxergar, devemos ser gratos por isso. O autoaperfeiçoamento é a grande meta.

Para que o trabalho seja vencedor, cada teosofista precisa ser vitorioso no plano espiritual.

A LIT dá grande importância à área da psicologia. A harmonia do buscador da verdade consigo mesmo e com sua vida está na origem da harmonia coletiva. As relações sociais são corretas quando os vários níveis de consciência dos indivíduos deixam de estar em conflito e trabalham em conjunto pela expressão do Eu Superior.

Carlos escreveu:

“Não basta estudar e repetir as *ideias* do conhecimento teosófico. É preciso que cada um mude na vida diária tanto a direção como a substância das suas metas emocionais, e isso acontece à medida que se eleva o foco médio da consciência.” [4]

Curo a minha família curando em mim a representação psicológica que tenho da minha infância, de minha mãe, meu pai, marido, filho, etc. Curo meu país e a humanidade cumprindo meus deveres e expandindo os níveis de honestidade, transparência e ética em minha vida. Isso se consegue avançando no autoconhecimento e no autoaperfeiçoamento.

O processo de cura implica olhar de frente o sofrimento e talvez por isso muitos abandonam o processo. Ao contrário do sofrimento cego, a *dor curativa* é passageira e leva a uma liberdade e um bem-estar duradouros. Qualquer tentativa de cura no plano da alma, por mais fraca que possa parecer, deixa sementes para germinar na hora certa. Aqueles que desistem retomarão certamente o caminho.

Alguns curiosos buscam nas lojas teosóficas um palco para o seu ego. Outros procuram respostas prontas para as suas dúvidas existenciais e esperam explicações detalhadas sobre ensinamentos complexos do ocultismo, de modo que não precisem estudar por si mesmos. Mas para a LIT o tema prioritário daqueles que já fazem parte do trabalho, assim como daqueles que estão chegando, é o autoconhecimento. A LIT concorda com estas palavras de Eliphas Levi:

“O primeiro dentre os estudos mais importantes e necessários é o estudo de si mesmo.” [5]

Carlos chama a atenção para o seguinte fato:

“O desafio do estudante é observar e melhorar a cada passo, de modo invisível mas eficiente, a sua relação direta com o ideal que adotou como seu. Não vale a pena protelar indefinidamente. (...) Cada dia nos oferece algumas sementes de eternidade, junto com lições valiosas do passado e meios práticos de construir um futuro correto.” [6]

No movimento teosófico, estudantes se reúnem para compreender o drama humano; trabalhadores voluntários cooperam no projeto da regeneração da humanidade. Guiado pelo seu eu superior, cada trabalhador voluntário ajuda a erguer a nova civilização trabalhando no plano das causas, ao mesmo tempo que constrói a si mesmo.

Além de um edifício sutil, a Loja Independente é um organismo com uma atmosfera própria, que deve ser preservada e vem crescendo gradualmente.

Não estamos isolados do carma da humanidade, do país ou da família em que vivemos, mas temos o dever de não nos deixar levar pela correnteza. Mais do que sofrer a influência externa, devemos influenciar positivamente o que nos rodeia.

Toda boa loja teosófica é semente, árvore e fruto. Ela é também um corpo celeste cuja força gravitacional tem origem nas fontes de inspiração, nos seus associados ativos e simpatizantes sinceros. Girando à volta do Sol espiritual, a Loja é iluminada e nela é gerada vida. Isso faz crescer tanto a responsabilidade como a confiança no futuro.

(Joana Maria Pinho)

NOTAS:

[1] Do texto “[O Eu Inferior como Instrumento](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[2] Veja em nossos websites, entre outros, os artigos “**A Ecologia da Mente**”, “**Eficiência no Trabalho em Grupo**”, “**Um Por Todos e Todos Por Um**” e “**Um Segredo do Trabalho Teosófico**”.

[3] Palavras citadas no texto “[Sobre o Uso de Poderes Psíquicos](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[4] Do artigo “[O Desafio Diante da Loja Independente](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[5] Da obra “**Os Paradoxos da Sabedoria Oculta**”, de Eliphas Levi, Ed. Pensamento, SP, 1977, 130 pp., pp. 41-42.

[6] Do artigo “**O Desafio Diante da Loja Independente**”, de Carlos.

000

O Espaço do Silêncio **A Paz Interior é um Estado de Espírito**



Nada parece ser mais contraditório no ser humano que seu desejo pela paz e sua resistência a trilhar o caminho que o conduz a ela. Esta constatação surge ao observarmos a nós próprios.

A tendência é de achar que neste ou naquele lugar, nesta ou naquela condição, a paz tão almejada será obtida. A realidade à nossa volta demonstra como é errado este pensar.

A paz é um estado de espírito, uma condição interna. Ela é irradiada através da vivência e se expressa por ações de respeito à vida.

A Teosofia ensina que somos responsáveis por nosso pensar, sentir e agir. Que nos cabe a escolha diante do que nos chega e, especialmente, ao definir o que sai de nosso interior.

Estamos a cada instante ampliando a paz ou a discórdia, a luz ou a escuridão, fortalecendo a vida ou gerando a dor.

A Lei é imparcial e devolve a substância produzida ao seu gerador. De acordo com o plantio é a colheita. A vivência é o que valida a aprendizagem e a experiência da paz está ao alcance de todos.

Helena Blavatsky escreve:

“Em suas horas de meditação silenciosa, o estudante descobrirá que há um espaço de silêncio dentro de si, em que ele pode se refugiar dos pensamentos e desejos, do turbilhão dos sentidos, e das ilusões da mente. Mergulhando sua consciência profundamente em seu coração, ele pode alcançar este lugar - a princípio, somente quando ele está sozinho em silêncio e na escuridão.” [1]

A paz faz parte da nossa condição divinamente humana, e compete somente a nós a tarefa de estabelecê-la em todos os aspectos da vida. [2]

(Arnalene Passos do Carmo)

NOTAS:

[1] Do texto “[O Grande Paradoxo](#)”, de Helena P. Blavatsky.

[2] Referência ao artigo “[Estabelecendo a Paz a Todos os Níveis](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

000

Quando Começa o Estudo

Para que o estudo teosófico comece de fato, não basta que o peregrino leia bons textos. É preciso também que, valorizando as palavras, ele vá além delas.

O buscador da verdade precisa agir e pensar por si mesmo, e não em função do que os outros pensam, dizem, ou fazem.

Ver-se livre da superficialidade média que o rodeia é o primeiro passo.

Cabe consultar sua própria consciência, e não as aparências externas. A teosofia não é igualmente útil para todos. Ela ajuda com mais força aqueles que olham de frente para suas próprias almas, aceitam o sofrimento e começam a plantar as causas do bem-estar durável.

O teosofista ama a sua vida tal como ela é, e trabalha para melhorá-la sem reclamar mentalmente de nada. (CCA)

000

Os Resultados da Ação Altruísta

A Energia Criadora do Eu Superior Está na Razão Direta do Autodespertar



A melhor forma de viver consiste em empenhar-se para eliminar o que nos afasta da boa convivência e da compaixão, sentimentos comuns a todos os seres, em essência.

Tal percepção floresce em grande parte durante o estudo cuidadoso dos clássicos teosóficos, mas o processo de autoconhecimento vai além de conhecer as grandes obras e os sábios de todos os tempos. É importante, claro, saber de tudo um pouco, pois assim adquirimos ferramentas que nos auxiliam a construir nossa própria concepção do mundo. Porém o conhecimento racional é apenas o início de um processo de autoconstrução. Não pode ser um fim em si mesmo.

O aprendizado completo requer a aquisição de experiências que traduzam um dos maiores tesouros universais: a capacidade de vivenciar a intangível e onipresente energia altruísta da ajuda mútua.

O equilíbrio do universo exige cooperação. A fina teia da evolução tem como regra que tudo evolui em conjunto e em unidade. Trata-se de uma premissa pouco conhecida; no entanto, é uma lei geral. Entender o funcionamento desta lei transcende a limitada percepção que normalmente temos.

O trabalho altruísta não é mecânico. Ele flui naturalmente, não possuindo matizes que possam defini-lo. É tão transparente que nem é notado. Também não pode ser dimensionado ou classificado. Ele se relaciona com a energia criativa do Eu Superior, que está na razão direta do autodespertar.

O fruto da ação altruísta é precioso. Porém, chegar ao ponto de que esse fruto nem seja percebido ou almejado pelo seu agente, requer muita reflexão e auto-observação.

Seguimos em um caminho sinuoso, que guarda uma ou outra surpresa após esta ou aquela curva. Por vezes o caminhar interior nos leva a um rio, ou uma montanha, ou qualquer outro acidente geográfico aparentemente intransponível. O simbolismo de tais obstáculos no caminho do peregrino se expressa através de medos e vícios, os quais provocam aparentes retrocessos ou fracassos.

No decurso da realização de um trabalho com fins altruístas, pode ocorrer de sermos perturbados por muitos medos interiores. Alguns sofrem com uma ilusória crise de competência interior, ou insegurança, fruto da necessidade de mais confiança e fé em seu próprio Eu Superior.

Outro medo nos invade quando somos tomados por dúvidas acerca da qualidade da tarefa aos olhos dos outros. O mais pernicioso talvez seja o medo do êxito; este é cria do comodismo, bem como do receio que nosso eu inferior possui de ser destronado de seu reino de ilusão. Este último pode gerar uma forte barreira à conclusão de qualquer ação.

Os medos não são invencíveis. Lembro de certo episódio da infância, quando fui desafiado a saltar de uma árvore alta e mergulhar em um rio. Recordo bem do medo e do salto de fé que dei, para a seguir mergulhar no rio. A algazarra que os amigos fizeram, seguida de cumprimentos juvenis intensos, só não foi maior que a glória da realização da tarefa e o desejo infantil de repeti-la. Após vencer o medo inicial, crianças se acostumam rapidamente com a ação, passando a encará-la com naturalidade.

O “manto sagrado” que nos consagra após a superação de um medo é constituído pelo tecido da iniciação. Não apenas no episódio referido, mas em muitos outros, percebi que os maiores êxitos vêm quando as ações são realizadas com um coração limpo.

Coração puro implica desapego ao fruto da ação. Esta é a fórmula para que a realização de uma tarefa se torne algo agradável e distinto do dever mecânico. O dever não pode ser visto como uma rotina inflexível. Necessitamos de flexibilidade na rotina, e de mais momentos de retiro interior, para a prática do silêncio.

No meio do turbilhão do dia-a-dia, toda e qualquer ação se configura como um chamado do dever. Cabe a cada um se dirigir corajosamente ao meio da planície de Kurukshetra, o palco do bom combate no Bhagavad Gita, e lá, com tranquilidade, encarar seus medos, retornando periodicamente até a retaguarda para se recolher em silêncio, para sossegar a mente e ouvir a voz de Krishna. Com a energia da vontade recarregada, voltamos à ação na planície. Agindo assim, adquirimos serenidade para suportar as provas cármicas diárias, e encontramos o caminho rumo à impessoalidade em cada ação.

Robert Crosbie escreveu:

“... Se estamos desenvolvendo um coração-de-criança; se estamos aprendendo a amar as coisas belas; se estamos tornando-nos mais honestos, mais claros e mais simples; se estamos começando a sentir o lado doce da vida; se estamos gostando mais dos nossos amigos e ampliando o círculo da amizade; se sentimos que nosso sentimento de simpatia se expande; se gostamos de trabalhar pela Teosofia, e não pedimos por cargos, posições ou recompensas;

se não nos preocupamos demasiado com ser ou não ser impessoal; bem, isto é trilhar o caminho da impessoalidade.” [1]

Se vamos fazer alguma tarefa, podemos cumprimentar silenciosamente aqueles que serão abençoados por ela, procurando dar o melhor de nós.

Colocar amor na tarefa é fazer votos de que ela seja um benefício ao próximo. Cardoso Aveline afirma:

“Ao ‘ajudar’ alguém (...), não devemos ter a intenção de retribuir algo que essa pessoa específica já fez por nós, nem devemos esperar que essa mesma pessoa retribua, agora ou mais adiante. É com a Vida como um todo que a contabilidade é feita. E podemos confiar, com toda tranquilidade, no fato de que as nossas futuras colheitas corresponderão, com justiça, ao que nós realmente plantamos. O primeiro desafio é, pois, saber plantar, antes de querer colher. O segundo desafio é saber esperar até que as boas ações frutifiquem. O terceiro desafio consiste em saber que, enquanto esperamos, devemos continuar plantando.” [2]

É valoroso o ato de plantar e cultivar boas ações, abandonando os medos, vaidades e inseguranças, pois o esforço teosófico é uma escola de aprendizado, e nela melhoramos sempre com cada ato cuja intenção é nobre.

Aprendemos juntos, sempre refletindo no que pode ser aprimorado. A atmosfera teosófica estimula uma transmutação interior. Como afirma John Garrigues:

“ ‘Todo ser humano tem a mesma substância daquilo em que ele coloca sua fé, e sua confiança’. Os pensamentos que cada um alimenta em seu coração determinam o seu futuro.” [3]

Então o peregrino sincero segue dedicando-se ao cultivo do pensamento e da palavra corretos, que são alimentos de uma existência serena.

(Emanuel Tadeu Machado)

NOTAS:

[1] Do texto “[O Que É Impessoalidade](#)”, de Robert Crosbie.

[2] Do artigo “[Sobre a Prática do Altruísmo](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[3] Do texto “[O Primeiro Passo Adiante](#)”, de John Garrigues.

Meditando Pelo Despertar do Brasil

Como a Força Criadora da Mente Constrói a Civilização do Futuro

[Clique Aqui para Ler o Artigo](#)

Ensinamentos de um Mahatma - 07

Trechos das Cartas do Mestre de Helena Blavatsky



O Logo do jornal “The Pioneer” de dezembro de 1881

Nota Editorial:

Trazemos aqui o sétimo de uma série de artigos reunindo cartas escritas pelo mestre de Helena P. Blavatsky. O texto corresponde à Carta 31 das “Cartas dos Mahatmas”, e é erradamente datado por A. P. Sinnett como tendo sido recebido “em torno de fevereiro de 1882”. A edição cronológica das Cartas indica a data de novembro de 1881. Uma nota dos editores descreve as circunstâncias que rodeiam esta carta:

“Muita perseguição estava ocorrendo contra H.P.B., o Cel. Olcott e a Sociedade em geral. Esta carta começa com uma referência direta ao prejuízo causado por esta campanha de difamação. Rattigan era o novo proprietário de *The Pioneer*, do qual Sinnett era editor. Ele estivera envolvido nos ataques contra H.P.B. e Olcott. Aqui o Mahatma sugere que ele deveria publicar as cartas do tio de H.P.B. em *The Pioneer* com uma nota editorial referindo-se à prova oficial da identidade de H.P.B., que era esperada do príncipe Dondoukoff. Isto esclareceria a dúvida sobre se ela era uma ‘espiã russa’. Obviamente, o sr. Rattigan não fez isso. Ele não tinha nenhuma simpatia pelo interesse de Sinnett na Teosofia nem por sua defesa de H.P.B. e do coronel Olcott, e mais tarde demitiu Sinnett de seu cargo como editor, dando-lhe um ano de salário adiantado para livrar-se dele!”

De acordo com a nota dos editores, “parece claro que esta carta para Sinnett foi mandada através de outra pessoa que não H.P.B., porque naquela ocasião ela não sabia da ideia de fazer com que ela fosse para Allahabad.” [1]

O texto constitui uma prova da linguagem franca usada por iniciados. Eles não se preocupam com exercícios de relações públicas nem com as artes da hipocrisia social. O Mestre discute no documento o que ocorre quando os líderes de uma causa nobre não são defendidos com firmeza quando injustamente atacados. Ele também examina o processo da clarividência e da

clariaudiência ao longo da história humana, e faz esclarecimentos de grande valor a este respeito.

(CCA)

000

Carta nº 31

Recebida em torno de fevereiro de 1882.

Tenho pouco a responder em relação à sua primeira: “Você pode fazer algo para ajudar a Sociedade?” Quer que eu fale com franqueza? Bem, eu digo não: nem você nem o próprio Senhor Sang-gias poderiam ajudá-la - enquanto não ficar perfeita e inquestionavelmente provado que a posição delicada dos fundadores se deve à maldade diabólica e à intriga sistemática. Esta é a situação como eu a vi, seguindo ordem dos chefes. Veja os jornais - todos, exceto dois ou três, ridicularizam a “querida velha senhora” quando não a caluniam diretamente. Olcott é atacado por todos os cães de guarda da imprensa e das missões. Um panfleto intitulado *Teosofia* foi impresso e distribuído pelos cristãos em Tinevelly dia 23 de outubro, no dia da chegada lá de Olcott com os delegados budistas - um panfleto contendo o artigo de *Saturday Review* e outro ataque *sujo* e pesado feito por um jornal norte-americano. Os *C. e M.* [2] de Lahore dificilmente deixam passar um dia sem lançar algum ataque, e outros periódicos os reproduzem, etc., etc. Vocês, ingleses, têm as suas ideias, e nós temos as *nossas próprias* sobre o assunto. Se você guarda o lenço limpo em seu bolso e lança o que está sujo à multidão - quem o recolherá? Basta. Devemos ter paciência e fazer, por enquanto, o que pudermos. Minha opinião é que se o seu Rattigan não for um patife completo, com um dos seus periódicos tendo lançado e lançando ainda diariamente desonra sobre uma mulher inocente, ele será o primeiro a sugerir a você a ideia de traduzir e publicar as cartas do tio dela (a você e a ela) no *Pioneer*; com algumas palavras como introdução, dizendo que se espera em breve do príncipe D. uma prova *oficial* mais substancial, que esclarecerá para sempre a desagradável questão da identidade dela. Mas você é quem sabe o que é melhor. A ideia pode ter ocorrido a *você*; mas ela será vista em algum momento deste modo pelos outros?

Suby Ram - um homem verdadeiramente bom - entretanto, está devotado a outro erro. Não à voz do seu guru - *mas à sua própria*. A voz de uma alma pura, altruísta, ardorosa, absorvida em um misticismo desorientado e mal dirigido. Acrescente a isso uma desordem crônica naquela parte do cérebro que responde à visão clara e o segredo é logo revelado: essa desordem foi provocada por visões *forçadas*; por *hatha* ioga e um prolongado ascetismo. S. Ram é o principal *médium* e ao mesmo tempo o principal fator magnético que difunde a sua doença por contágio - inconscientemente para ele mesmo, ele inocula com a sua visão todos os outros discípulos. Há uma lei geral de visão (física e mental ou espiritual) mas há uma lei especial qualificadora comprovando que toda visão deve ser determinada pela qualidade ou grau do espírito e da alma do homem, e também pela capacidade de transferir diversos tipos de ondas da luz astral para a consciência. Há uma só lei geral da vida, mas inumeráveis leis qualificam e determinam as miríades de formas percebidas e de sons ouvidos. Há aqueles que são voluntariamente cegos e outros o são *involuntariamente*. Os médiuns pertencem aos primeiros, os sensitivos aos últimos. A menos que tenham sido adequadamente iniciados e treinados, no que se refere à visão espiritual das coisas e às supostas revelações feitas à

humanidade em todas as épocas, desde Sócrates até Swedenborg e “Fern” - nenhum vidente ou clariaudiente treinado por si mesmo viu ou ouviu alguma vez com *completa* exatidão.

Você não pode ter prejuízo algum e sim muito aprendizado por ingressar na Sociedade dele. Prossiga *até que ele peça o que você será obrigado a recusar*. Aprenda e estude. Você tem razão: eles dizem e reafirmam que o Deus *uno* e único do Universo se encarnou no guru deles; e se um indivíduo como esse existisse, seria certamente mais elevado que qualquer “planetário”. Mas eles são idólatras, meu amigo. O guru deles não era um iniciado, apenas um homem de extraordinária pureza de vida e poder de resistência. Nunca aceitou desistir de suas noções de um deus pessoal, e mesmo de deuses, embora isso lhe fosse sugerido mais de uma vez. Nasceu hindu ortodoxo e morreu hindu autorreformato, algo semelhante a Keshub Chunder Sen, mas mais elevado, mais puro e sem ambição alguma que pudesse manchar a sua brilhante alma. Muitos de nós deploraram a sua autoilusão, mas era demasiado bom para ser forçado a uma interferência. Reúna-se a eles e aprenda - mas lembre da sua sagrada promessa a K.H. Mais dois meses e ele estará conosco. Estou pensando em enviá-la a você. Acredito que poderá persuadi-la, mas eu não desejo exercer minha autoridade nesse caso.

M.

NOTAS:

[1] Mas veja que, no P.S. da Carta anterior, H.P.B. já sabia que o Mahatma desejava sua ida a Allahabad. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

[2] C. e M. - Provavelmente abreviatura de “Cristãos e Missionários”. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

000

O texto acima reproduz a carta 31 de “**Cartas dos Mahatmas**”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, coordenação editorial de Carlos Cardoso Aveline, Volume I, pp. 168-170. Corresponde à Carta XL em “**The Mahatma Letters**”, A. Trevor Barker (ed.). A edição em inglês de 1926 da obra está disponível em PDF nos websites associados. A fonte da imagem está indicada [aqui](#).

000

Marxismo Não Promove o Crime

A Verdadeira Esquerda

Sempre Reuniu Pessoas Honestas

A partir do momento em que partidos comunistas chegaram ao poder, a debilidade ética original da ideologia marxista deu origem a monstruosidades como o stalinismo e outras.

O tema do fracasso dos partidos marxistas quando chegam ao poder merece estudo, mas a falta de um enfoque ético das questões sociais tem impossibilitado a esquerda de aprender com suas derrotas.

[**Clique para ler o artigo**](#)
[**“Marxismo Não Promove o Crime”**](#)

Jesuítas no Brasil: Não Há Remédio

Lima Barreto



[Da obra “**Feiras e Mafuás**”, de Lima Barreto, Editora Mérito S.A., SP-RJ, 1953, 312 pp., ver pp. 253-256.]

Não Há Remédio...

- Você não tem razão; os jesuítas foram o elemento moral nos primórdios de nossa civilização. Eles se opuseram aos desregramentos dos colonos, combateram a escravidão dos índios...

- Eu poderia muito respigar a esse respeito, mas não quero e tudo que podia dizer adio para mais tarde. Lembrarei, porém, a você, que julgando necessário o caldeamento de raças, entre nós, não julgo sociologicamente nenhum pecado no concubinato entre indígenas e colonos. Creio que também assim pensa uma porção de graúdos nossos, até eclesiásticos, pois se julgam honrados com a sua ascendência cabocla, naturalmente provinda de um casal a que eles ministraram o sacramento do matrimônio uns trezentos e poucos anos depois, quando organizaram a sua genealogia perfeitamente heráldica. Quanto à escravatura de índios, nós podemos bem imaginar por que os padres da Companhia foram tão tenazes em combatê-la. Quem conhece o caso do jesuíta Lavalette, sabe bem que a milícia de Jesus não era de todo estranha aos benefícios que trazem os bens deste mundo; e não podiam eles, portanto, ver

com bons olhos o desfalque de catecúmenos que tão evangelicamente empregavam nas suas missões rendosas em produtos tropicais, realizado pelos colonos que os queriam escravizar!

Não digo que não houvesse padres piedosos, até santos, como os houve entre os filantropos ingleses que, na primeira metade do século passado, tanto se bateram pela extinção da escravidão negra e do tráfico de escravos, mas quando os homens práticos - políticos, deputados, negociantes, armadores, etc. - se apossaram das ideias dos filantropos, o que, de fato, eles visavam, era evitar o despovoamento das colônias inglesas da África, e ter, portanto, sob esse ou aquele disfarce, hilotas [1] para trabalharem nas feitorias e fomentar, conseqüentemente, o comércio, a indústria, etc...

A ordem de Jesus, como você bem sabe, tinha no seu seio tudo: deuses, santos, sábios, políticos, deputados, negociantes, armadores, arquitetos, pedreiros, pintores, etc. ... Você sabe disto. Mas não querendo...

- Ouça você uma coisa: os missionários...

- Espere que eu...

- Deixe-me, você, falar um instante.

- Consinto. Falarei depois. Diga lá!

- Os missionários de hoje não podem ser suspeitados desse interesse pelas coisas terrenas; e, de resto, fosse por que fosse, os antigos jesuítas prestaram serviços.

- Acredito, mas pergunto a você: é admissível que, pelo fato dos guerreiros romanos, dos poetas, escultores e sábios gregos, dos médicos e geógrafos árabes terem prestado grandes serviços à humanidade, que voltemos aos usos e costumes, doutrinas, legislação, poesia, ciência, medicina e geografia dos romanos, dos gregos e dos árabes? É admissível?

- Não; mas não é o mesmo caso que se dá com os jesuítas.

- Como?

- O que eles pregam é são, e em nada atenta contra as nossas ideias atuais.

- Muito obrigado. Em política, eles são completamente contra a intromissão da massa dos homens na gestão dos seus destinos. Querem para dirigir a maior parte da sociedade uma casta, baseada nisto ou naquilo, a que eles prestam toda a força de que dispõem sobre o povo, embrutecendo-o com uma educação defeituosa, que só orna a memória e pregando a mais total obediência aos doges [2], ou aos reis, aos caciques ou que nome tenham os tiranos e parasitas.

Na família, obstam, com todos os seus refinados argumentos hipócritas, a instituição do divórcio; cultivam entre os cônjuges que se odeiam a mútua falsidade de gestos e palavras, para não consentir o estabelecimento do divórcio completo; reforçam a estúpida concepção de honra conjugal, uma brutal ideia do medievo, que leva os nossos pobres homens de hoje a praticar selvagens assassinatos, que eles não seriam capazes de fazer se não fora essa cultura paleolítica de ideias, sentimentos e noções de que se incumbem os padres em geral.

Têm da propriedade a concepção mais atrozmente burguesa que se pode imaginar. Eles prestigiam os espertalhões e mais agiotas de tal modo que não podendo aproveitar tudo o que possuem, deixam, entretanto, muitos homens, mulheres e crianças morrerem à míngua. Eles prestigiam essa gente e são prestigiados por ela.

A crítica mais ligeira, mais superficial, dá em terra com todas as suas ideias políticas e sociais, portanto, com aquelas que interessam mais de perto à humanidade, pois o homem só pode viver em sociedade. A revisão delas já foi feita por muitos extraordinariamente mais competentes do que eu e não seria em uma simples palestra que eu poderia repeti-las.

- Contudo...

- Você pode ter muita razão; mas não me convence.

- Tenho grande desgosto que tal coisa se dê... Então “*credo quia absurdum*” - não é?

- Talvez.

- É inútil discutir. Para gente como você, só a ação direta.

Despedimo-nos muito amigavelmente.

(20 de julho de 1918)

NOTAS DE 2018:

[1] Hilota: Escravo de Esparta, no mundo antigo, que trabalhava na agricultura. (Os editores)

[2] Chefes políticos na Itália, séculos atrás. (Os editores)

000

Novos Textos em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados.[1] Dia 16 de janeiro tínhamos 2117 itens em nosso acervo, dos quais 1035 estavam em português, 1021 em inglês e 57 em espanhol.

Os seguintes itens - artigos, livros e poemas - foram publicados entre 13 de dezembro e 16 de janeiro de 2018:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Awakening from the Opium War** - *Carlos Cardoso Aveline*
2. **Is Denunciation a Duty?** - *Helena P. Blavatsky*
3. **Oração em Defesa da Minha Alma** - *Carlos Cardoso Aveline*
4. **Fragmentos da Sabedoria Árabe** - *Carlos Cardoso Aveline*

